

Impactos econômicos no Rio Grande do Sul devido as enchentes: estimativas iniciais e repercussões para o Nordeste

Autores¹

Allisson David de Oliveira Martins

Antonio Ricardo de Norões Vidal

Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Laura Lúcia Ramos Freire

Wellington Santos Damasceno

Introdução

As enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul se configuraram como uma das mais devastadoras tragédias climáticas da história recente do Brasil. O fenômeno climático afetou milhares de gaúchos e provocou impacto em diversos setores econômicos do estado.

A produção e produtividade das indústrias, como a metalmeccânica, alimentícia, de calçados e química foram prejudicadas, refletindo negativamente na cadeia produtiva nacional. Além disso, o setor agropecuário sofreu perdas significativas, comprometendo a atividade econômica do estado.

Assim, este documento busca, na forma de estimativa inicial, analisar os impactos econômicos das enchentes no Rio Grande do Sul e explorar as possíveis repercussões na economia nordestina.

A interdependência econômica entre as regiões brasileiras é significativa, e um evento climático extremo em uma região pode ter efeitos de transbordamento em outras partes do país.

Neste contexto, compreender como as enchentes no Sul podem afetar as atividades econômicas do Nordeste é relevante, assim como para as outras Regiões do País. A conexão existente entre as cadeias produtivas regionais, especialmente no que diz respeito ao abastecimento de insumos e produtos, torna crucial avaliar os efeitos indiretos das enchentes no Rio Grande do Sul, em especial sobre a economia nordestina.

O presente documento, após esta breve introdução, apresenta informações sobre a economia do Rio Grande do Sul, bem como as relações comerciais com o Nordeste. Na sequência, análises sobre a agropecuária, indústria, comércio, serviços e comércio exterior do Rio Grande do Sul são tratadas, buscando, em certa medida, relacionar com o Nordeste. E por fim, são apresentadas as considerações finais.

¹ Economistas da Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE.

1. Impactos econômicos no Rio Grande do Sul

A tragédia climática enfrentada pelo Rio Grande do Sul atingiu, além da população desabrigada, todos os setores econômicos. Estimativas iniciais apontam para uma perda econômica de R\$ 40,0 bilhões, o que ocasionaria uma queda de 6,25% na produção gaúcha de 2024.

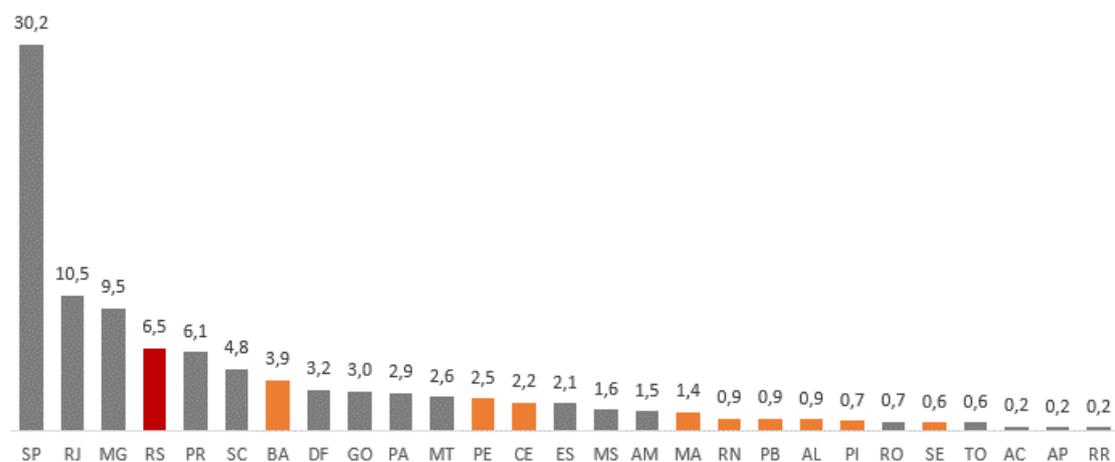
Segundo a Federação das Indústria do Rio Grande do Sul (FIERGS), quase 90% dos municípios do Estado foram atingidos pela tragédia climática, afetando regiões onde importantes polos industriais estão instalados:

- Região da Serra: destaque para a produção nos segmentos metalmeccânico (veículos, máquinas, produtos de metal) e móveis;
- Região Metropolitana de Porto Alegre: destaque para a produção nos segmentos metalmeccânico (veículos, autopeças, máquinas), derivados do petróleo e alimentos;
- Região do Vale dos Sinos: destaque para a produção no segmento de calçados;
- Região do Vale do Rio Pardo: destaque para a produção nos segmentos de alimentos (carnes, massas) e tabaco;
- Região do Vale do Taquari: destaque para a produção nos segmentos de alimentos (carnes), calçados e químicos.

Segundo, ainda, estimativa da FIERGS*, os municípios considerados afetados representam 94,3% do VAB do Estado, 96,1% do VAB industrial, 95,6% dos estabelecimentos industriais, 96,1% dos empregos industriais, 96,9% da arrecadação de ICMS com atividades industriais e 97,1% das exportações da Indústria de Transformação.

Para fins de análise, de início, é interessante comparar a participação (%) do PIB do Rio Grande do Sul. Como pode ser observado no gráfico a seguir, a economia gaúcha vis-à-vis aos estados sob jurisdição do BNB tem PIB superior a todas as Unidades Federativas do Nordeste, e na área de atuação do Banco do Nordeste, tem participação do PIB inferior apenas a economia do estado de Minas Gerais.

Gráfico 1 – Participação % do PIB de unidades federativas selecionadas no PIB do Brasil



A tragédia climática que assolou o Rio Grande do Sul afetou as relações comerciais entre aquele Estado e os outros entes federados. Um parâmetro que pode ser usado, entre outros, para ajudar na avaliação dos impactos, é o comércio interestadual com o Rio Grande do Sul. Os dados disponíveis pelo Conselho Nacional de Política Fazendária – Confaz são até 2022. Assim, elaborou-se uma tabela que mostra a média dos anos 2021 e 2022, mas a preços atualizados de 2024.

Nesse contexto, o Nordeste comprou R\$ 52,0 bilhões e vendeu R\$ 23,8 bilhões, ao Rio Grande do Sul, gerando um déficit de R\$ 28,2 bilhões. Os quatro maiores estados (Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão), representam 77,3% do total das compras, e 87,0% das vendas, do Nordeste e o Rio Grande do Sul.

Tabela 1 - Compras e Vendas do Nordeste com o Rio Grande do Sul – média de 2021 e 2022 – R\$ milhões - A preços de abril de 2024¹

Estados/Região	Compras no Rio Grande do Sul	Vendas para o Rio Grande do Sul	Saldo (vendas - compras)
Alagoas	2.145	427	-1.719
Bahia	15.232	8.020	-7.212
Ceará	8.272	3.491	-4.781
Maranhão	6.260	1.514	-4.746
Paraíba	3.322	925	-2.397
Pernambuco	10.486	7.673	-2.813
Piauí	2.354	470	-1.884
Rio Grande do Norte	2.091	809	-1.282
Sergipe	1.876	467	-1.409
Nordeste	52.038	23.795	-28.243

Fonte: Elaboração do BNB/Etene com dados do Conselho Nacional de Política Fazendária – Confaz.

1. IPCA de 2024, médias de 2021 e 2022.

A corrente de comércio, representado pela soma das compras e vendas do Rio Grande do Sul com o Nordeste, a partir dos dados da tabela anterior, alcançam o montante de R\$ 75,83 bilhões de reais, que representa cerca de 4,67% do PIB do Nordeste para 2024, que está estimado em R\$ 1,62 trilhão de reais. Vale ressaltar, de pronto, que não se pode afirmar que este seria o impacto econômico do PIB do Nordeste, em razão da tragédia do Rio Grande do Sul, uma vez que não houve ruptura total das relações comerciais entre aquele estado e o Nordeste, além de que as atividades econômicas paralisadas devem apresentar recuperação ao longo do ano, mitigando os impactos negativos do comércio interestadual.

Em termos de performance esperada do PIB para 2024, os estados do Nordeste devem apresentar crescimento médio do PIB na ordem de 2,3%, enquanto o Rio Grande do Sul, deve apresentar retração de 1,3%. As estimativas iniciais apontam que a retração econômica do estado gaúcho se deve, em grande medida, do setor de serviços, que tem o maior peso relativo, e que deve apresentar recuo de 3,5% em 2024, quando comparado com 2023. A indústria, por sua vez, deve ser o setor de maior retração do PIB no Rio Grande do Sul, com queda de 4,5%.

Tabela 2 - Produto Interno Bruto (PIB) – Estados e Nordeste - % Crescimento em relação ao ano anterior - 2024

Estados/Região	Cresc. % PIB (2024)
Maranhão	2,8%
Piauí	2,4%
Ceará	2,9%
Rio Grande do Norte	1,5%
Paraíba	3,1%
Pernambuco	2,2%
Alagoas	2,1%
Sergipe	2,2%
Bahia	1,7%
Nordeste	2,3%
Rio Grande do Sul	-1,3%

Fonte: Etene e LCA(2024).

O impacto da catástrofe gaúcha atingirá, certamente, a cadeia produtiva do País quanto ao fornecimento de matéria primas e produtos pois as regiões estão interconectadas. Estimativas iniciais sinalizam queda de 0,1 a 0,3% no PIB nacional, quando comparado com as projeções econômicas para o Brasil realizadas anteriormente. Com relação ao Nordeste, devido à distância, os impactos serão menos sentidos, afetando cadeias produtivas pontuais. Por outro lado, poderá aumentar a demanda externa por produtos, antes supridos pelo Estado gaúcho.

2. Impactos econômicos das enchentes no Rio Grande do Sul no setor Agropecuário

A Confederação Nacional dos Municípios (CNM) estima que os prejuízos motivados pelas fortes e intensas chuvas à agropecuária do Rio Grande do Sul podem se estender para as próximas safras, devido a perda de solo em grandes áreas agrícolas, algumas áreas com remoção total do solo e outras com perda parcial, mas intensa; além de considerar o impacto estrutural, como também de perda de maquinários utilizados no setor agropecuário. Segundo o Boletim da Confederação Nacional dos Municípios, estimasse prejuízo em aproximadamente R\$ 4,3 bilhões para o setor Agrícola e R\$ 373 milhões para a pecuária (dados atualizados em 28 de junho de 2024).

Para o setor agrícola, a estimativa para 2024 aponta produção de grãos no País de 295,8 milhões toneladas, quebra de safra em -6,2% frente ao ano de 2023, em razão, em grande medida, das safras de verão na Região Centro-Oeste, segundo informações do IBGE. Diante das condições climáticas adversas, marcado com ausências de chuva e altas temperaturas, estima-se quebra de safra de 12,8% no Centro-Oeste; assim, resultando perda de -20,6 milhões de toneladas de grãos na Região. Em seguida, registra-se também redução da produção de grãos no Sudeste (-11,4%) e Nordeste (-3,4%).

Todavia, a estimativa da produção de grãos apresentou variação anual positiva para o Norte (+9,8%) e o Sul (+4,8%). Segundo informações do IBGE, a estimativa de produção recorde de grãos na Região Sul já tinha maior parte das lavouras já colhidas, e, os números não refletem ainda o que no campo foi afetado.

Vale enfatizar que o estado do Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor de alimentos do País. No setor agrícola, o Rio Grande do Sul participa com 69,3% e 44,0% da produção nacional de arroz e trigo, nesta ordem, assim, sendo o maior produtor nacional de arroz e trigo. Além de ser o segundo maior estado do País na produção de soja, com participação de 13,8% da nacional. Também se destaca como o terceiro maior produtor de suínos (17,2%), o quarto maior produtor de frangos (11,9%) e leite (11,6%) do País.

Para os principais produtos agrícolas e pecuários que foram, de certa forma, mais impactados pelo excesso de chuvas no Estado do Rio Grande do Sul, foi realizado um resumo ainda que incipiente das repercussões da tragédia climática sobre os respectivos mercados:

- **ARROZ:** Apesar do estoque de arroz no mês de abril/24 superior ao estoque de dezembro de 2023, com as especulações quanto ao cenário dos impactos das chuvas sobre a oferta e disponibilidade do produto para os próximos períodos, as cotações médias de maio superaram as de abril. Dados da Conab indicam, especificamente no Rio Grande do Sul, que a colheita estava quase concluída. No entanto, ainda havia regiões com algum percentual ainda a ser colhido, e algumas áreas com possível perda total. Estima-se perda de 230 mil das 7,2 milhões de toneladas do grão, diante das fortes chuvas.

- **MILHO:** De modo geral, com as negociações lentas, além das próximas estimativas oficiais apontarem queda na colheita nacional de milho, a demanda pode crescer diante da provável redução do volume estocado. As colheitas da primeira e segunda safras de milho avançaram na maior parte das regiões brasileiras. No entanto, a oferta do cereal esteve limitada no mercado nacional, com produtores atentos aos possíveis impactos do clima quente e seco sobre as lavouras especialmente do Sudeste e de partes do Centro-Oeste. No Rio Grande do Sul, a colheita da safra de verão está praticamente paralisada, mas com pelo menos 83% da área já colhida.
- **SOJA:** De acordo com a Conab, no Brasil já foram colhidos 90,5% da área de soja da safra 2023/24. O Sul é a região com as atividades de campo mais atrasadas. No Rio Grande do Sul, as atividades somam 60%, contra 70% no mesmo período de 2023. Segundo a Conab, estima-se perda de 700 mil toneladas de soja. O Rio Grande do Sul é segundo maior estado produtor de soja no Brasil. Porém, as precipitações em excesso retardam as atividades de campo e vêm gerando preocupações sobre a qualidade das lavouras. O excesso de umidade tende a elevar a acidez do óleo de soja, o que pode reduzir a oferta de boa qualidade deste subproduto, especialmente para a indústria alimentícia. Os preços da soja subiram no mercado brasileiro em maio, impulsionados pela valorização externa, pela alta nos prêmios de exportação e pela taxa cambial (R\$/US\$). Com isso, os valores de negociação nos portos de Santos (SP) e de Paranaguá (PR), principais canais de exportação da oleaginosa do Brasil, atingiram em maio os maiores patamares do ano de 2024 (CEPEA).
- **BOI:** No País, com a escassez de chuvas na maioria das regiões pecuárias acentuaram a oferta de animais para abate em maio/24, período considerado de final de safra do boi. Neste mês, a média do preço do boi gordo apresentou queda de 1,6% frente à de abril/24, com tendência de queda desde o início do ano. Nesse cenário de oferta, o ponto de equilíbrio com a demanda tem se dado a preços cada vez mais baixos, e a liquidez do mercado também recuou. O número de negócios captados e o tamanho dos lotes estiveram reduzidos. Para o estado do Rio Grande do Sul, a pecuária bovina de corte tem sido fortemente impactada pelo maior desastre natural. Segundo indicam pesquisadores do Cepea, além de pontes e estradas destruídas, pastagens ficaram embaixo d'água, muitos animais foram arrastados pela enxurrada. Mesmo nas regiões que não foram inundadas, os solos estão encharcados, dificultando o manejo dos rebanhos. Entre os frigoríficos, várias unidades interromperam atividades por terem sido atingidos pela água. O transporte dos animais e da carne também ficou comprometido. O segmento de insumos também enfrenta dificuldades de escoar rações e outros itens essenciais para as propriedades rurais. No entanto, como o gado e a carne desse estado não têm grande circulação em outras regiões, e, por isso, as ocorrências recentes não devem influenciar significativamente as negociações pecuárias no restante do País.

- **FRANGO:** No País, a demanda por carne de frango esteve enfraquecida ao longo de maio/24, reagindo pontualmente apenas na semana que antecedeu o Dia das Mães. Com a baixa liquidez predominando, os preços de quase todos os produtos de origem avícola acompanhados pelo Cepea caíram em relação a abril. Especificamente no Rio Grande do Sul, as enchentes têm gerado prejuízos ao setor avícola de regiões sobretudo da parte central do estado. Do lado produtivo, os alagamentos e as destruições de estradas e de pontes têm impedido o recebimento de insumos nas granjas para a produção (como milho e farelo de soja). Para a indústria, agentes de frigoríficos indicam que as escalas ficaram comprometidas. Por sua vez, verifica-se muita dificuldade também no transporte de carnes para atender a demandantes de dentro do estado (sobretudo da Grande Porto Alegre) e de fora do Rio Grande do Sul.
- **SUÍNOS:** Apesar da forte desvalorização do suíno vivo e dos produtos de origem suinícola na segunda metade de maio/24, as altas da primeira quinzena garantiram avanço na média mensal nos principais mercados do País. O impulso foi reforçado pela semana do Dia das Mães, quando normalmente as vendas de carne suína aumentam. No Estado do Rio Grande do Sul, as enchentes vêm dificultando os transportes de suíno vivo para abate, de carnes aos mercados atacadistas e também no transporte de insumos utilizados pela atividade. **PREÇOS REGIONAIS:** o cenário altista, tendência de estabilidade em médio prazo (CEPEA).

3. Impactos da calamidade no Rio Grande do Sul sobre a indústria do Nordeste

O estado do Rio Grande do Sul possui papel fundamental na produção agrícola e pecuária brasileira, bem como na indústria. Na agropecuária, destacam-se, por exemplo, soja, milho, arroz, trigo e carne. Na indústria, os produtos alimentícios, os produtos químicos, máquinas e equipamentos, produtos de metal, veículos e derivados do petróleo, têm grande importância na produção do estado.

Cabe ressaltar que há forte interdependência entre estes setores. Por exemplo, o rebote industrial desta produção agropecuária impacta, em especial, nos setores manufatureiros de alimentos e bebidas, dentre outros, que participam fortemente da produção industrial não só do estado gaúcho, mas também no restante do país.

Por exemplo, no caso da soja, há grande versatilidade do uso industrial do grão que garante relevante retorno econômico, como fonte de proteína para a criação animal, produção de óleo vegetal e na produção de biocombustíveis. Em relação ao milho, além de sua importância para a alimentação animal, também se destina à produção de etanol. O arroz, cuja produção encontra liderança nacional no Rio Grande do Sul também é insumo para a indústria de alimentos. O estado também é o maior produtor de trigo do país, o que é crucial para a segurança alimentar brasileira, especialmente no fornecimento de grãos para a produção de farinha.

Desde o fim de abril o estado do Rio Grande do Sul vem sofrendo com enchentes sem precedentes que, além de atingir a vida da população e provocar vítimas fatais, afetou também a atividade econômica local, em todos os níveis. Sem deixar de lado a causa humanitária e ambiental, há preocupação com as perdas nas safras e com a interrupção das atividades industriais gaúchas que podem gerar escassez de diversos produtos, em especial dos alimentos, além de aumento de preços em nível nacional.

Nos locais mais atingidos pelas chuvas, estão os principais polos industriais do Rio Grande do Sul, onde estão empresas de diversos setores, além do agropecuário, como metalúrgico e automotivo, provocando impacto significativo para a economia do estado, mas também para o abastecimento do mercado nacional, seja na venda de veículos, componentes automotivos e em diversos insumos para a produção industrial.

A indústria do Nordeste, fortemente baseada no processamento de alimentos, mas também produtos químicos, metalurgia, couro e calçados, dentre outros, depende, em parte, da matéria-prima adquirida no Rio Grande do Sul. A diminuição ou mesmo paralisação das atividades agropecuárias e industriais naquele estado podem se configurar em dificuldades para a indústria do Nordeste, aumentando o custo de produção e levando a escassez de matérias-primas que podem afetar o nível de produção industrial da Região.

Contudo, se por um lado a indústria do Nordeste pode ser afetada pela falta ou alto custo de insumos industriais, a redução na produção gaúcha pode levar também ao aumento na produção em outros estados, inclusive do Nordeste, com potencial produtivo para suprir mercados nacionais e internacionais que estavam sendo atendidos pela indústria rio-grandense.

Nesse contexto, além de alguns produtos da indústria de alimentos, bebidas, metalurgia e química, também podem se encontrar o setor de calçados e vestuário, com significativa participação na produção industrial do RS, mas também em estados do Nordeste, de forma que estes são, em grande parte, concorrentes na venda nacional e internacional desses produtos.

Apesar dos possíveis desdobramentos mencionados, alguns setores da indústria do RS, em particular calçados, móveis, produtos de metal e máquinas e equipamentos têm importância em nível nacional, contudo, a expectativa é de que parte da indústria retomará o nível de produção de forma bastante rápida, assim como o anunciado por diversas empresas do setor. Adicionalmente, os riscos de uma interrupção prolongada estão associados aos danos físicos, que no atual momento são de difícil mensuração. De qualquer forma, o relatório apontou que os efeitos de paralisação na indústria serão localizados e que não haverá problemas na cadeia produtiva para outros estados.

4. Impactos econômicos em Comércio e Serviços do Rio Grande do Sul

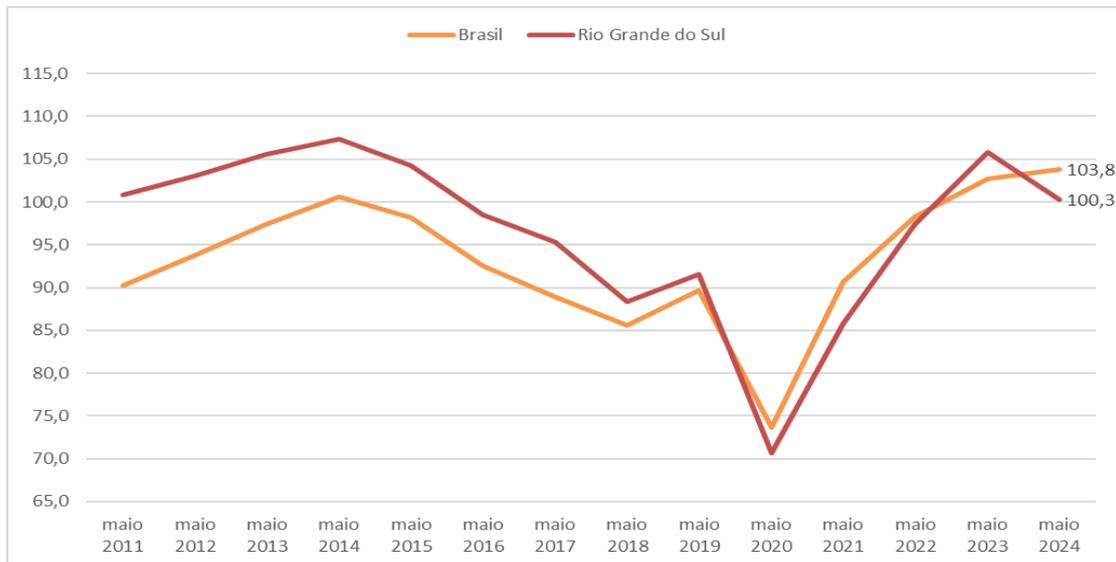
Tomando se por base o comportamento dos índices divulgados pelas Pesquisas Mensais de Comércio Ampliado e Pesquisas Mensais de Serviços do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE) verifica-se impacto macroeconômico potencialmente baixo para o Nordeste relacionado com a tragédia que paralisou a economia do Rio Grande do Sul.

No entanto verifica-se potencial microeconômico médio para empresas dependentes de insumos daquele local ou com grandes volumes de vendas e prestação de serviços com a região afetada.

Pelo lado macroeconômico, percebe-se baixa correlação do comércio nordestino com o comércio do Rio Grande do Sul. Correlação maior poderia ser verificada no setor de serviços, possivelmente no fornecimento de serviços virtuais o que permite a prestação de serviços a distância e, portanto, demandas daquele estado para estados da Região Nordeste.

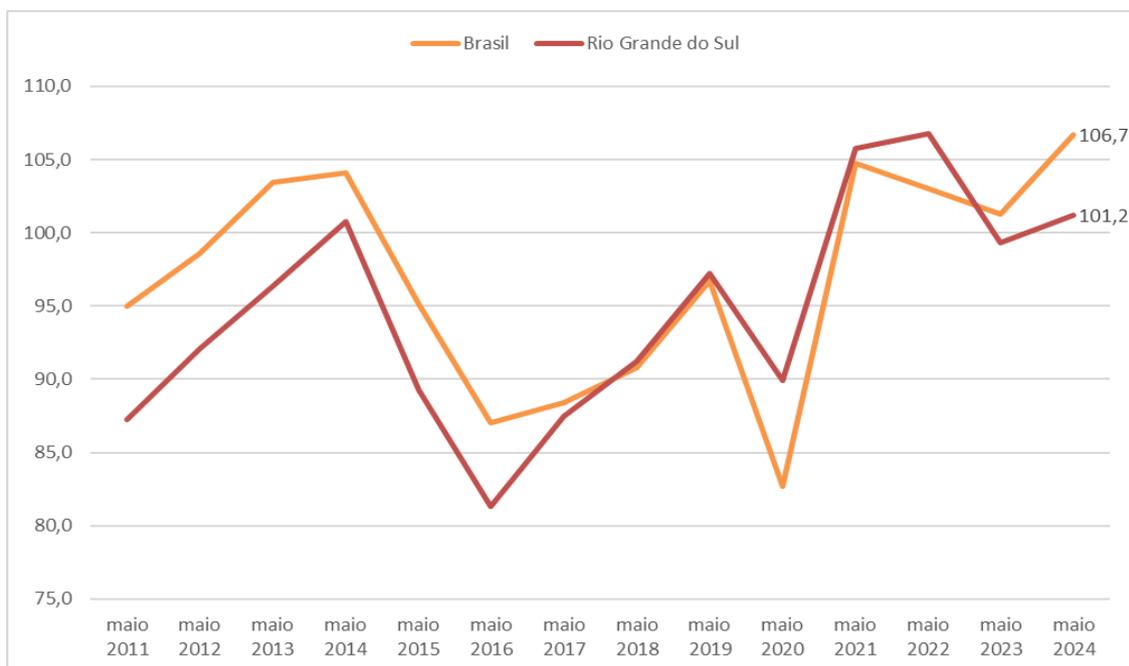
Diferentemente da Indústria, o Comércio e os Serviços tem um forte componente local, com as relações entre consumidores, lojas e prestadores de serviços que ficam no próprio estado ou em municípios próximos. Geralmente os fatores que influenciam esses setores (Comércio e Serviços) são de caráter macroeconômico nacional, como taxa de juros e crédito, com impacto no emprego e na massa salarial e, portanto, os impactos da tragédia não têm o poder de afetar profundamente estados mais distantes como é nesse caso, os estados nordestinos. O peso agrícola do estado, esse sim tem um impacto na dinâmica nacional e a inflação de alimentos.

Gráfico 1 – Evolução dos Serviços Brasil e Rio Grande do Sul – maio 2011 a 2024



Fonte: IBGE – Elaboração BNB-Etene. Números índices.

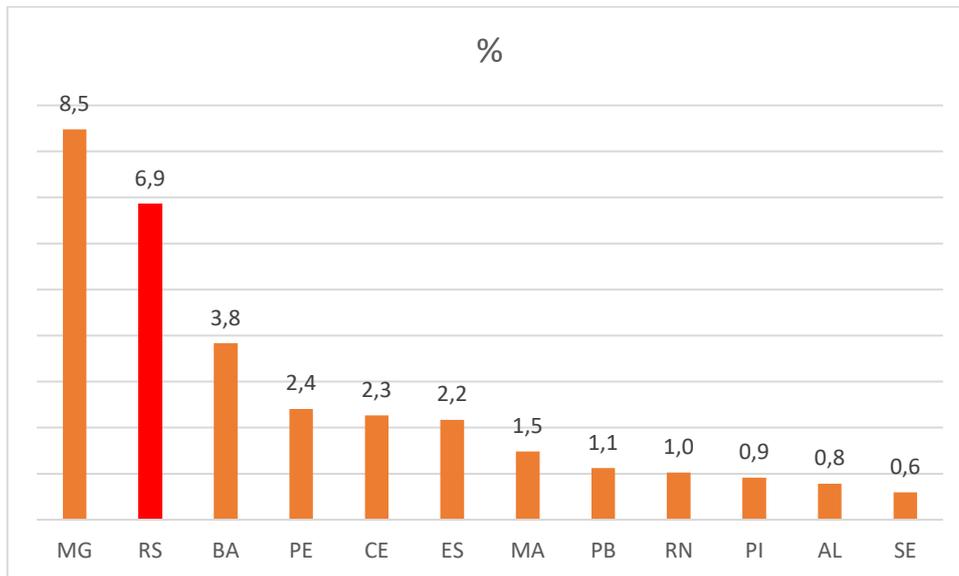
Gráfico 2 – Evolução do Comércio Ampliado Brasil e Rio Grande do Sul – maio 2011 a 2024



Fonte: IBGE – Elaboração BNB-Etene. Números índices.

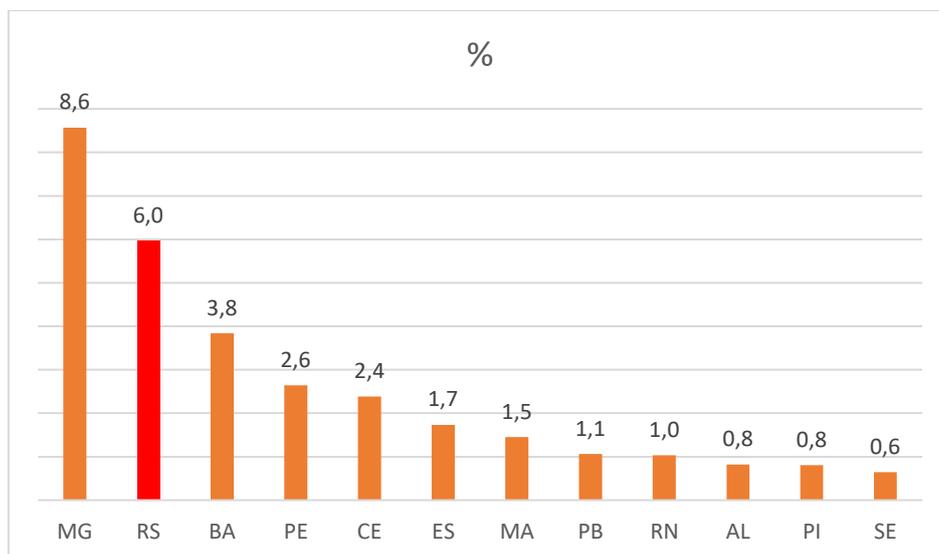
De outra forma o peso agrícola do estado, que fez com que o governo federal se preocupasse com estoque de alimentos, a exemplo do arroz, o maior potencial de impacto é microeconômico a ser verificado empresa por empresa. Algumas montadoras de veículos pararam a produção por falta de peças que eram fornecidas por indústrias da região alagada. Nesses casos as empresas procurarão outros fornecedores ou alternativas à importação de insumos com possíveis aumentos de custos.

Gráfico 3 – Participação % no PIB Setorial 2021 - Comércio e reparação de veículos automotores – Estados Selecionados.



Fonte: Elaboração Própria Etene – IPEADATA Regional

Gráfico 4 – Participação % no PIB Setorial 2021 – Serviços, incluso Comércio – Estados Selecionados.



Fonte: Elaboração Própria Etene – IPEADATA Regional

O Banco Central tem flexibilizado diversas regras contábeis para favorecer o atendimento de empresas das regiões afetadas, bem como para proteção da carteira de crédito dos bancos que sofrerão atrasos de pagamentos e crescimento da inadimplência resultado das circunstâncias já expostas.

Com o espaço que existirá na reconstrução das habitações familiares e dos negócios, empresas nordestinas com a capacidade de fornecimento de bens e serviços podem abrir novos mercados com o volume de compras que se ampliará com as etapas de reerguimento da economia do Rio Grande do Sul. Não se subestima a capacidade das regiões e estados mais próximos no fornecimento desses produtos e serviços, mas a demanda poderá ser tão elevada em alguns momentos que poderão surgir oportunidades de aumento de negócios e de relações daquele estado com o Nordeste que possui produtos diferenciados tanto industriais como agropecuários.

5. Comércio Exterior no Rio Grande do Sul

Em 2023, o Estado do Rio Grande do Sul participou com 6,6% do total das exportações e com 5,7% das importações do País. O referido estado ocupa a sexta posição no ranking total das exportações, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná. Como também das importações, após São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. A Tabela abaixo mostra os principais produtos da pauta de exportação gaúcha (55,6% do total), no ano de 2023, participação no Estado e no País e principais destinos.

Tabela 3 – Principais Produtos Exportados – Rio Grande do Sul - 2023

Principais produtos	Valor exportado US\$ Milhão	Part. % no total do Estado	Part. % no total do País	Principais destinos
Soja	4.074,83	18,3	7,7	China (85,4%), Irã (3,3%), Vietnã (1,6%)
Farelos de soja e outros alimentos	1.947,59	8,7	21,7	Vietnã (18,1%), Coreia do Sul (13,6%), Espanha (11,7%)
Carnes de aves e suas miudezas	1.376,78	6,2	17,3	Emirados Árabes Unidos (13,0%), China (10,7%), Arábia Saudita (10,3%)
Celulose	832,63	3,7	22,0	China (33,5%), Estados Unidos (14,2%), Itália (11,5%)
Partes e acessórios dos veículos automotivos	625,40	2,8	49,5	Argentina (38,8%), Estados Unidos (13,4%), Chile (12,7%)
Tabaco	2.279,12	10,2	18,7	Bélgica (23,3%), China (18,6%), Estados Unidos (7,0%)
Calçados	623,43	2,8	86,1	Estados Unidos (22,7%), Argentina (11,9%), Alemanha (8,9%)
Trigo e centeio, não moídos	645,73	2,9	26,4	Indonésia (31,6%), Arábia Saudita (13,8%), Vietnã (8,8%)
TOTAL	22.307,90	100		

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da SECEX/MDIC.

Diante do presente cenário, projeta-se que, a curto e médio prazos, as exportações e importações gaúchas sofrerão quedas significativas. Além do alagamento das áreas agrícola e industriais e da necessidade de reconstrução de estruturas físicas das empresas, há sérios problemas logísticos e de infraestrutura como a falta de abastecimento de água e energia bem como rodovias, pontes e aeroportos danificados, dificultando o escoamento e recebimento dos produtos comercializados.

Considerações finais

Neste documento, buscou-se analisar os impactos econômicos das enchentes no Rio Grande do Sul, destacando como esses eventos afetaram a produção, a produtividade e as relações comerciais do estado. Vale reforçar que a interdependência econômica entre as regiões brasileiras é relevante, de maneira que um evento climático extremo em uma região tem efeitos em outras partes do país. Foram apresentadas informações sobre a economia do Rio Grande do Sul e suas relações comerciais com o Nordeste. As Análises se concentraram na agropecuária, indústria, comércio, serviços e comércio exterior, buscando correlacionar os impactos sofridos com possíveis repercussões na economia nordestina.

Por fim, de acordo com o Banco Central, no início das chuvas intensas, houve queda de 8,6% no número de empresas que receberam pagamentos via cartão de débito ou Pix. Ao longo de maio e início de junho, esse número oscilou em torno de -4,3%. No entanto, no início de junho (5 a 11 de junho), a quantidade de empresas que receberam pagamentos via cartão de débito ou Pix superou a observada no período base, sugerindo uma retomada relativamente rápida das vendas na maioria dos setores. Ainda de acordo com o Banco Central, as enchentes promoveram impactos heterogêneos nos setores econômicos, com quedas acentuadas em alguns e sinais de recuperação mais rápidos em outros. Por exemplo, as famílias priorizaram o consumo de bens básicos durante o fenômeno climático, enquanto setores como "móveis e eletrodomésticos" e "material de construção" mostraram recuperação significativa com a diminuição das enchentes.

É essencial o acompanhamento da publicação de dados econômicos ao longo do tempo, de forma que permitirá uma avaliação mais precisa dos impactos das enchentes no Rio Grande do Sul. Essas são as estimativas iniciais, de maneira que mais dados sendo disponibilizados, permitirá uma avaliação da queda da economia gaúcha em termos agregados de forma mais concreta, para compreender as repercussões na economia nordestina e para o planejamento de estratégias que visem mitigar os efeitos negativos e promover uma recuperação robusta e sustentável.

Referências:

Banco Central. Relatório de Inflação – Junho de 2024. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/ri/relatorioinflacao/202406/ri202406b1p.pdf>

Confederação Nacional dos Municípios - CNM – BOLETIM DESASTRES RIO GRANDE DO SUL – 28 de julho. Acesso em: 15 de julho de 2024. <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/cnm-atualiza-prejuizos-dos-municipios-afetados-pelas-chuvas-no-rs-impacto-ultrapassa-r-12-5-bilhoes>

Conselho Nacional de Política Fazendária – Confaz. Acesso em: <https://www.fiergs.org.br/noticia/fiergs-entrega-ao-vice-presidente-alckmin-documento-com-propostas-para-o-reerguimento-da>

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Revista Hortifruti Brasil: Clima dita rentabilidade da horticultura em 2023/24. Junho 10,2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Boletim do Leite - Ano 30 n.º 347 | Junho 10,2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Boletim de Suínos - Ano 2024 n.º 165 | Maio. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Agromensal do Frango - Maio, 2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Agromensal do Boi - Maio, 2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Agromensal Arroz - Maio, 2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Agromensal Milho - Maio, 2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (2024). Agromensal Soja - Maio, 2024. Acessada em 19 de junho de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Pesquisa Mensal do Comércio** – Maio 2024

_____ - **Pesquisa Mensal de Serviços** – Maio 2024

_____ - **Sistema de Contas Regionais 2021**

IPEADATA – **Contas Regionais-2021**

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEADATA) – Contas Regionais-2021

Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)

Valor Econômico – **Tragédia no Rio Grande do Sul ainda não é perceptível em dados do varejo, diz IBGE** – 13 de junho de 2024.